

# ORLANDO RIBEIRO E A ARQUEOLOGIA

por

João Carlos Garcia\*

**Resumo:** Orlando Ribeiro (1911-1997), geógrafo português com uma vasta obra publicada, sempre dedicou particular atenção à Arqueologia nos seus estudos de Geomorfologia, de Geografia Cultural e Histórica e de Geografia Urbana. Neste texto é analisada essa relação entre Arqueologia e Geografia, em torno da Cartografia Temática elaborada para a difusão de resultados.

**Palavras-chave:** Arqueologia; Geografia; Historiografia.

**Abstract:** Orlando Ribeiro (1911-1997), portuguese geographer with widely published work, has always dedicated particular attention to Archeology in his several studies in Geomorphology, Cultural and Historical Geography, and Urban Geography. The relation between Archeology and Geography is analysed in this article using thematic cartography resulting from the diffusion of results.

**Key-words:** Archeology; Geography; Historiography.

As relações entre os geógrafos e a Arqueologia, em Portugal, serão tão antigas e tão directas, como em qualquer outro país europeu, mesmo quando a Geografia não era ainda Geografia. Bastaria recordar os corógrafos antiquários do século XVI, como André de Resende, Gaspar Barreiros ou Duarte Nunes do Leão, para confirmarmos que nas suas eruditas descrições de espaço se enumeram e comentam as relíquias existentes: moedas, ruínas e pedras<sup>1</sup>.

Institucionalizada a Ciência Geográfica em Portugal, com características marcadamente naturalistas, no início do século XX, cedo se ligou à Escola Francesa, onde se fazia sentir o peso da História, e também, da Arqueologia. A partir dos anos 20, Amorim Girão, em Coimbra e, mais tarde, Orlando Ribeiro, em Lisboa, deram grande

---

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Departamento de Geografia.

<sup>1</sup> Sobre as relações entre a Arqueologia e a Geografia portuguesas ver de Suzanne Daveau: "História e Geografia", *Ler História*, Lisboa, 21, 1991, p. 162-169; "Os geógrafos portugueses e a Arqueologia", *O Arqueólogo Português*, Lisboa, IV sér., 11-12, 1993-1994, p. 339-351 e "Fases históricas e perspectivas actuais do estudo do Quaternário em Portugal", *Estudos do Quaternário*, Lisboa, 3, 2000, p. 5-14.

importância aos conhecimentos arqueológicos para a reconstituição e evolução dos espaços geográficos. O estudo da relação entre o mestre de Coimbra e a Arqueologia está feito, tentaremos aqui algumas reflexões em torno dos trabalhos de Orlando Ribeiro e aquele campo do saber<sup>2</sup>.

Recorda o autor nas suas *Memórias de um Geógrafo*, que recentemente vieram a público: “A leitura interpolada das *Religiões da Lusitânia*, no meu primeiro contacto com Leite de Vasconcellos, no começo do 6º ano liceal, devo-a à recomendação de um professor para lermos as páginas proemiais da pré-história. Claro que li isso e muito mais e a obra abriu-me outro sector de curiosidade: o da Arqueologia, a arte de evocar o passado através dos seus restos miúdos e incompletos.”<sup>3</sup>

Além da particular definição o que há a reter desde o primeiro momento é que também no que respeita à Arqueologia, Leite de Vasconcellos foi a inspiração, o modelo, o mestre para o geógrafo. Leite procurava “as íntimas ligações entre a Filologia, a Etnologia, a Arqueologia de que foi um dos maiores cultores no Mundo, seguindo sempre a regra de método de que ‘o presente provém do passado’”<sup>4</sup>. E a máxima ligava bem com os princípios da Geografia Humana retrospectiva da Escola Francesa.

As leituras de Orlando Ribeiro sobre estudos arqueológicos foram pela primeira vez utilizadas num trabalho redigido em 1935, *O Crescimento de Lisboa*<sup>5</sup>. Tendo por modelos, olisipógrafos como Vieira da Silva e A. Celestino da Costa, a Arqueologia urbana não deixará de o interessar para a reconstituição geográfica da evolução da capital, em análises como “Evolução e perspectivas dos Estudos Olisiponenses” (1945) e “O Território de Lisboa” (1947). O método será utilizado noutros trabalhos de Geografia urbana, aplicado particularmente às cidades de Viseu e de Évora, como “Em torno das origens de Viseu” (1970) e “Évora: sítio, origem, evolução e função de uma cidade” (1986).

Mas regressemos ao início da carreira científica e universitária de Orlando Ribeiro. A partir do final da década de 30 esteve por largas temporadas em Paris, onde recebeu a herança vidaliana por inteiro, através dos discípulos directos, de Martonne e Demangeon. Com o apreendido sobre as relações entre a Geografia e a História construirá *La formation du Portugal*, uma conferência no Instituto de Cultura Portuguesa de Bruxelas, em 1939, num contexto internacional dramático<sup>6</sup>. Mas a gênese

<sup>2</sup> J. M. Pereira de Oliveira – “O Professor Amorim Girão e a Arqueologia”, *Lucerna*, Porto, III, 1963, p. 318-323, reeditado in *Trabalhos de Geografia e História*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1975, p. 411-419.

<sup>3</sup> Orlando Ribeiro – *Memórias de um Geógrafo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2003, p. 57.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 70.

<sup>5</sup> As referências bibliográficas completas das obras de Orlando Ribeiro, em análise, encontram-se na bibliografia final.

<sup>6</sup> Ao iniciar a conferência afirma: “(...) en ce moment décisif où le remaniement de la carte politique de l’Europe se fait tellement vite qu’on n’arrive presque pas à le suivre, il est bon de se demander quels sont, pour les Nations et les Etats, leurs titres d’existence.” (p. 4).

dessa reflexão datava de alguns anos antes. “Numa noite do ano de 1930 (...) comentávamos um artigo de jornal, de Manuel Heleno, professor da Faculdade de Letras de Lisboa, onde atribuía às suas importantes escavações de necrópoles dolmênicas do Alentejo o propósito de esclarecer ‘as origens da nacionalidade portuguesa’. [...] O anúncio, difundido pelo poderoso meio da imprensa diária, correspondia a uma tese, original aliás, de Bosch Gimpera, que o arqueólogo português levava às suas extremas consequências. Em parte falsa, exagerada e apresentada de maneira pouco convincente, esta ousada interpretação da gênese de um agregado nacional era, sem dúvida alguma, apaixonante.”<sup>7</sup> O tema não deixará de lhe interessar durante toda a vida mas, algumas das ideias desenvolvidas mais tarde em torno da importância das características do povoamento pré-histórico na fachada ocidental da Península Ibérica, já no texto de Bruxelas as podemos encontrar.

Com o regresso a Portugal, no início da guerra, estabeleceu-se em Coimbra, onde o grupo dos colegas e amigos conta com medievistas e arqueólogos: “Tive longas conversas com Paulo Merêa sobre pontos de história social e económica da alta Idade Média, com Pierre David sobre alguns dos assuntos que ele havia de renovar relativamente à mesma época; fiz muitas excursões com Vírgilio Correia, beneficiando dos seus profundos conhecimentos de arqueologia e arte do centro do País.”<sup>8</sup> As excursões com Vírgilio Correia não seriam apenas de curiosidade e lazer: Orlando Ribeiro substituiu Correia na leccionação de uma disciplina de Arqueologia, “onde eu apenas ensinava Pré-história, como o meu antecessor”<sup>9</sup>. Terá então lido ou relido a bibliografia portuguesa e estrangeira, em particular a espanhola, sobre a matéria: Bosch Gimpera, Luis Pericot e Mendes Corrêa.

A vinda para Lisboa e para a Faculdade de Letras não lhe deixa a princípio boas recordações mas, de entre os poucos colegas que recorda com amizade conta-se um erudito com algumas ligações à Arqueologia, e hoje esquecido: “Scarlat Lambrino, classicista eminente, romeno exilado em Portugal, onde se ocupou da história da Lusitânia – terreno em pousio desde que Leite de Vasconcellos abandonara a Arqueologia.”<sup>10</sup>

Será nos anos sombrios da II Guerra Mundial, com outros exilados, homens da

---

<sup>7</sup> Orlando Ribeiro – *Formação de Portugal*, 1987, p. 11.

<sup>8</sup> Id. – *Memórias...*, *op. cit.*, p. 91.

<sup>9</sup> Desde há muito que Vergílio Correia se dedicava aos estudos de Pré-História, ver p.g.: “O Paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, XVII, 1912, p. 55-62. Contudo, o seu nome ficará ligado ao estudo do período romano em Portugal: “O domínio romano” in *História de Portugal*, dir. Damião Peres, Barcelos, Portucalense Ed., 1928, p. 215-289 e “A romanização da Lusitânia” in *Actas. Congresso do Mundo Português*, I, Lisboa, 1940, p. 531-546.

<sup>10</sup> Orlando Ribeiro – *Memórias...*, *op. cit.*, p. 94. Ver de Scarlat Lambrino – “Le dieu lusitanien Endovellicus”, *Bulletin des Études Portugaises*, Lisboa, XV, 1951, p. 93-146, “Les Lusitaniens”, *Euphrosyne*, I, 1955, p. 117-145 e *Les Celtes dans la Péninsule Ibérique selon Aviënus*, Lisboa, Bertrand, 1956.

Geologia, da Paleontologia, da Arqueologia, anos de intensa produção no campo da Geografia física, em especial da Geomorfologia, que Orlando Ribeiro praticará o trabalho de campo arqueológico. Em 1941 visita as jazidas paleolíticas e as praias quaternárias do Norte de Portugal, em companhia de Mendes Corrêa, A. do Paço, G. Zbyszewski e M. Vaultier<sup>11</sup>. No início de 1942 percorre em 10 dias, 40 km da costa alentejana, com o Abade Breuil e Georges Zbyszewski, praticando ora uma Arqueologia geomorfológica, ora uma Geomorfologia arqueológica. O primeiro resultado concreto foi: “Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l’Alentejo entre Sines et Vila Nova de Milfontes”, estudo apresentado ao IV Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, realizado no Porto, em 1942<sup>12</sup>.

Quanto ao trabalho intenso e de base, então realizado no campo da Geomorfologia, bastaria dizer que só no ano de publicação do citado trabalho (1943), dá ainda à estampa mais seis textos<sup>13</sup>. É o tempo do reconhecimento de Portugal: das características físicas e da relação destas com o povoamento, a sua repartição, os seus tipos, a sua evolução. O fim da Guerra e a preparação do grande Congresso Internacional de Geografia, em Lisboa, em 1949, vieram alterar estes breves anos da descoberta geomorfológica de Portugal.

A ligação de toda esta etapa à Arqueologia pode parecer ténue mas é a partir dela que Orlando Ribeiro estabelece as bases para uma discussão sólida sobre o tema erudito da individualidade e da formação de Portugal. Exactamente em 1943, data de edição de “Les plages quaternaires...”, publica Orlando Ribeiro, “A terra, a gente e as origens da nacionalidade (resumo de uma lição)”, onde retomando o tema da já citada conferência de Bruxelas, analisa as características geográficas de Portugal no conjunto da Península Ibérica, recordando aspectos particulares desta fachada ocidental ao longo do tempo: a cultura dolménica, a civilização dos castros, as ocupações romana e árabe e, finalmente, a Reconquista cristã. As ideias base estão fixadas e a relação entre a Arqueologia e a Geografia Cultural e Histórica, far-se-á dentro deste tema da “Formação de Portugal”.

<sup>11</sup> Cfr. G. Zbyszewski – “L’Abbé H. Breuil et sa contribution à l’étude de la préhistoire portugaise”, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, XLVI, 1962, p. 46.

<sup>12</sup> Um segundo resultado daquele trabalho de campo, mais detalhado e mais arqueológico, foi publicado por H. Breuil e G. Zbyszewski: “Contribution à l’étude des industries paléolithiques des plages quaternaires de l’Alentejo littoral”, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, XXVII, 1946, p. 269-334. Aí se refere que as amostras de cerâmica encontradas foram observadas por Vergílio Correia que as datou da “época dos castros luso-romanos” (p. 334). Juntamente com o texto são difundidas as fotografias de 349 peças arqueológicas classificadas, recolhidas entre Sines e Vila Nova de Mil Fontes.

<sup>13</sup> “Depósitos detriticos da bacia do Cávado” e “Depósitos e níveis pliocénicos e quaternários dos arredores do Porto”, ambos em colaboração com Cotelos Neiva e Carlos Teixeira; “Evolução da falha do Ponsul”, “Nota preliminar sobre a morfologia do Maciço da Gralheira”, em colaboração com Pinto de Almeida e Amílcar Patrício; “Nótula sobre os terraços do Mondego nos arredores de Coimbra”, em colaboração com Amílcar Patrício e “Novas observações geológicas e morfológicas nos arredores de Vila-Velha-de-Rodão” (ver *Opúsculos Geográficos*, vol. III – *Aspectos da Natureza*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990).

Em “Portugal”, verdadeiro estudo geográfico do conjunto do País, que constitui o volume V da *Geografía de España y Portugal*, dirigida por Manuel de Terán (Barcelona, 1955), um capítulo é dedicado à “Tradição, cultura e formação do Estado”. Aí se desenvolvem e consolidam os temas já enunciados – a civilização dolmênica ocidental, o arcaísmo dos castros, a Lusitânia pré-romana, etc –, e se enriquecem as conclusões com mapas de síntese. Aí, finalmente, se indicam referências bibliográficas, mas apenas “os clássicos”, não os contemporâneos<sup>14</sup>. A obra, em castelhano e numa edição cara e pouco difundida, teve escasso impacto em Portugal. Uma variante do original em português daquele capítulo saiu a público, sob o título “Formação de Portugal”, como “entrada” do *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, em 1968, e através deste meio, largamente citada.

Entre os mapas que ilustram o primitivo texto, um nos interessa em particular, porque repetidamente reproduzido pelo autor e com assinalada recepção, o intitulado *Período Pré-Romano*, que indica como fontes Luis Pericot e P. Bosch Gimpera (ver fig. 1). Sobre a metade ocidental da Península Ibérica são figuradas, através de implantações zonais, a “Área de domínio dos celtas” e o “Solar dos lusitanos” e, por implantações lineares, a “Fronteira de Portugal”, o “Limite oriental da área da civilização megalítica” e a “Expansão dos seus elementos culturais”. A razão explicativa para a reunião destes diversos elementos sobre o mesmo fundo de mapa é clara: visualizar a “manifestação incontestável da individualidade do Ocidente, cuja sequência nunca mais se perderá”<sup>15</sup>. Mas procuremos as fontes cartográficas nas quais O. Ribeiro se inspirou para elaborar este mapa.

A fonte directa terá sido o mapa intitulado “Principales estaciones del Neoneolítico peninsular”, inserto da *Historia de España* (1934) de L. Pericot, obra onde se difundem muitas das ideias do *Noucentismo*, movimento ideológico e cultural catalão das primeiras décadas do século XX<sup>16</sup>. Aí se inscreve a tracejado o “Límite aproximado de las grandes culturas peninsulares en el Pleno Eneolítico”, e através de setas, a

<sup>14</sup> Na bibliografia de fim de capítulo são referidos A. Herculano, Oliveira Martins, Alberto Sampaio, Costa Lobo, Gama Barros e Leite de Vasconcellos. Apenas a obra de Pires de Lima, *Mouros, Judeus e Negros na História de Portugal* (Porto, 1940), vai contra essa clara decisão de não dar crédito aos que executavam “saltos mortais da Antropologia Física à História”, como habitualmente se referia aos trabalhos científicos de Mendes Corrêa. O facto é que já Ricardo Severo em *Origens da Nacionalidade Portuguesa* (1911), remetia para Alberto Sampaio e, sobretudo, para Martins Sarmiento, a “primitiva independência da civilização do Ocidente Ibérico.” (2ª ed., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924, p. 25). Referia-se provavelmente a *Os Lusitanos. Questões de Etimologia* (Porto, 1880) de F. Martins Sarmiento, reeditado in *Dispersos* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, p. 41-60).

<sup>15</sup> Orlando Ribeiro – *A Terra...*, 1943, p. 240.

<sup>16</sup> Luis Pericot García – *Historia de España. Gran Historia General de los Pueblos Hispanos*, Barcelona, Instituto Gallach de Librería y Ediciones, 1934, I, p. 185. O mapa coordenado por Ferrer de Franganillo foi desenhado por R. Dolcet e impresso na secção de cartografia do Instituto Gallach, de Barcelona. Sobre o *Noucentismo* ver de Luis Calvo Calvo – “Noucentisme” in *Diccionario Histórico de la Antropología Española*, coord. C. Ortiz García e L.A. Sánchez Gómez, Madrid, CSIC, 1994, p. 519-520.

“Dirección de penetraciones culturales”, que têm uma correspondência directa no mapa de Ribeiro (ver fig. 2). Porém, a primitiva interpretação cartográfica por parte de P. Bosch Gimpera, um dos principais apologistas do difusionismo da escola de Antropologia alemã, parece remontar a 1922, no seu “Ensayo de una reconstrucción de la Etnología Prehistórica de la Península Ibérica”<sup>17</sup>, e a base para as suas conclusões e síntese cartográfica, a obra de Adolf Schulten, *Hispania*, que o próprio Bosch traduzira para castelhano e à qual acrescentara um desenvolvido apêndice, editada em 1920<sup>18</sup>. O estudo de Schulten, na versão castelhana, não apresenta mapas mas toda a sua estrutura é organizada segundo áreas geográficas.

A “fronteira” oriental da área da “cultura megalítica portuguesa” e os eixos de “expansão dos seus elementos culturais” aparecerá repetidamente, ao longo do tempo, entre os autores espanhóis e portugueses, solidificando-se como imagem estabelecida<sup>19</sup>. Restará procurarmos as fontes para a delimitação do “solar dos lusitanos”, presente também no mapa de Orlando Ribeiro e que corresponde ao território da Beira Alta.

“O velho solar lusitano” é o título do primeiro e mais geográfico capítulo de *Os Povos Primitivos da Lusitânia* (1924) de Mendes Corrêa mas a descrição concisa do espaço é feita na biografia que Adolf Schulten dedicou ao maior dos heróis lusitanos, Viriato, traduzida para português, prefaciada por Mendes Corrêa e editada pela Renascença Portuguesa, em 1927: “[...] os Lusitanos propriamente ditos, limitavam-se [...] à parte montanhosa entre o Tejo e o Douro, à província da Beira.”<sup>20</sup> Entre os ideólogos

<sup>17</sup> *Boletín de la Biblioteca Menéndez Pelayo*, Santander, 1922 (apud A. A. Mendes Corrêa – *A Geografia da Prehistória*, Porto, Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 1929, p. 25). Sobre a atenção com que Bosch Gimpera seguia os estudos dos seus homólogos portugueses, ver do autor, *Etnología de la Península Ibérica* (Barcelona, Alpha, 1932, p. 7 e 34). Sobre a influência das teorias difusionistas em Espanha, ver de F. Castilla Urbano – “Difusionismo” in *Diccionario Histórico...*, op. cit., p. 258-263.

<sup>18</sup> Adolf Schulten – *Hispania (Geografía, Etnología, Historia)*, trad. Pedro Bosch Gimpera e Miguel Artigas Ferrando, que inclui como apêndice *La Arqueología Prerromana Hispánica* por Pedro Bosch Gimpera, Barcelona, Tip. La Académica, de Serra y Russell, 1920. O apêndice ocupa as p. 133-205.

<sup>19</sup> Bosch Gimpera divulga-a já no exílio, como Mapa II, no final da sua obra *La formación de los pueblos de España* (México, Imprenta Universitaria, 1945). Em Portugal é Mendes Corrêa o grande difusor dessa imagem cartográfica, incluindo-a repetidamente nas suas obras, desde *Os Povos Primitivos da Lusitânia* (Porto, Casa Editora de A. Figueirinhas, 1924, p. 199), como “A Lusitânia Pré-Romana” in *História de Portugal*, dir. Damião Peres (Barcelos, Portucalense Editora, 1928, I, p. 164) e *A Geografia da Pré-História* (Porto, Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 1929, p. 26). Nesta última obra faz Mendes Corrêa a apologia da cartografia temática sobre a Pré-História, que a Escola da Universidade do Porto cultivará nos anos seguintes. Ver Rui de Serpa Pinto – “Nota sobre as cartas de Portugal prehistórico”, sep. *XVe Congrès International d’Anthropologie et d’Archéologie Préhistorique*, Paris, Librairie E. Nourry, 1931.

<sup>20</sup> A. Schulten – *Viriato*, trad. Alfredo Ataíde, Porto, Ed. Renascença Portuguesa, 1927, p. 22. E o autor acrescenta recordando o espírito de autonomia do povo que habitava esse espaço e que se transmitiu ao longo dos séculos: “Viriato é oriundo da Lusitânia ocidental, que confina com o Oceano, e verdadeiramente da montanha. A sua pátria era por certo a Serra da Estréla, o ‘mons Herminius’, que domina a região entre o Tejo e o Douro, a Lusitânia propriamente dita, desde muito a séde principal das guerrilhas lusitanas, que nos seus barrancos selvagens ainda se defendiam de Cesar. Hoje mesmo habita ali, no meio de privações e na solidão, uma população livre e selvagem, com os seus rebanhos de ovelhas e cabras.” (*Ibid.*, p. 32).

do Estado Novo não deixaremos de ouvir repetida esta ideia, a propósito de como nasceu Portugal<sup>21</sup>.

Orlando Ribeiro contava-se entre os críticos às teses mais extremadas. A prová-lo está a recensão às obras de Torquato de Sousa Soares, *Reflexões sobre a origem e a formação de Portugal* (1962) e *Contribuição para o estudo das origens do povo português* (1970), publicada na revista *Finisterra*, em 1975. Perante as singulares hipóteses do autor, onde ressalta um controverso cunho de ideologia nacionalista, Orlando Ribeiro comenta que as conclusões lhe parecem em larga parte inaceitáveis.

Talvez que este exercício o tenha levado a juntar muitas ideias, leituras e apontamentos antigos, em torno de três reputados historiadores e ensaístas que elaboraram “introduções geográficas” aos seus trabalhos sobre História de Portugal: Oliveira Martins, Jaime Cortesão e António Sérgio. Em 1977 saiu a público *Introduções Geográficas à História de Portugal*. Aí criticou Ribeiro as construções historiográficas onde ressalta a diminuta e pouco segura base de Geografia: a inexacta descrição do território pelo primeiro autor, a suposta atlantização do país defendida pelo segundo, a caracterização das regiões portuguesas elaborada pelo terceiro.

Em torno de Jaime Cortesão, o problema da “Individualidade Cultural do Ocidente”, definida a partir dos conhecimentos arqueológicos, volta a ser discutido, mas longe das hipóteses “ortodoxas” dos anos 30. O geógrafo continua atento ao tema e à bibliografia: “A arqueologia contemporânea atenuou ideias demasiadamente esquemáticas e aventurosas de Bosch Gimpera, que pretendia ver, desde o Calcolítico, esboçadas as três grandes ‘nacionalidades’ peninsulares: galego-portuguesa, castelhana e catalã. Esta tese extrema não encontra hoje defensores. Entre nós apoiaram-na Mendes Corrêa, em trabalhos de desigual valor, e Manuel Heleno, numa entrevista de jornal (por 1930), onde refere a exploração de ‘centenas de dólmenes’, cujo material comprovativo nunca publicou nem consentiu que outrem estudasse.”<sup>22</sup>

Dez anos depois, em 1987, alguns dos principais textos de Orlando Ribeiro sobre o tema que temos vindo a comentar são reunidos sob o título, *Formação de Portugal*. Aí encontramos reproduzidos: a “entrada” do *Dicionário de História de Portugal* e “Sobre as origens de Portugal”. Com estes e outros contributos se construiria um “Livro projectado em 1967”, cujo plano se divulga e no qual se incluía um ponto denominado “A diferenciação do Ocidente antes da História”, subdividido em: Traços gerais das Idades da Pedra, A civilização megalítica e as suas relações, A civilização castreja e o seu isolamento e Relações europeias e mediterrâneas nos alvares da His-

---

<sup>21</sup> Cfr. João Carlos Garcia – “A harmoniosa figura: interpretações geográficas sobre a formação de Portugal” in *Uma tensão entre o global e o local*, Porto, Universidade Aberta, 2001, p. 267.

<sup>22</sup> Orlando Ribeiro – *Introduções geográficas...* 1977, p. 90.

tória (povos rurais e povos marítimos). Assim, o volume de 1987 é o somatório de pequenos textos publicados e inéditos que preparavam uma síntese desenvolvida, nunca realizada.

### Obras de Orlando Ribeiro relacionadas com a Arqueologia:

- “O Crescimento de Lisboa” in *Opúsculos Geográficos. V – Temas Urbanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 13-27 (redigido em 1935).
- “Le site et la croissance de Lisbonne”, *Bulletin de l’Association de Géographes Français*, Paris, 115, 1938, p. 99-103 e in *Opúsculos Geográficos. V – Temas Urbanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 29-37.
- La Formation du Portugal*, Bruxelas, Instituto de Cultura Portuguesa, 1939.
- “Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l’Alentejo entre Sines et Vila Nova de Milfontes”, em colab. com H. Breuil e G. Zbyzewski, in *IV Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*, VIII, Porto, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1943, p. 48-62.
- “A terra, a gente e as origens da nacionalidade (resumo de uma lição)”, *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 2ª sér., IX, 1-2, 1943, p. 238-242.
- “Evolução e perspectivas dos Estudos Olisiponenses”, *Revista Municipal*, Lisboa, 27, 1945, p. 3-12 e in *Opúsculos Geográficos. V – Temas Urbanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 39-52.
- “O território de Lisboa” in *Lisboa. Oito séculos de História*, I, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1947, p. 2-11 e in *Opúsculos Geográficos. V – Temas Urbanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 53-64.
- “Portugal” in *Geografía de España y Portugal*, coord. Manuel de Terán, V, Barcelona, Montaner y Simón, 1955 (ver capítulo “Tradición. cultura y formación del Estado”, traduzido e reeditado como “A tradição cultural e a formação do Estado” in *Geografia de Portugal* de Orlando Ribeiro, Hermann Lautensach e Suzanne Daveau, III, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1989, p. 645-676).
- “Portugal (Formação de)” in *Dicionário de História de Portugal*, coord. Joel Serrão, III, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1968, p. 432-451 e in *A Formação de Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, p. 19-64.
- “Em torno das origens de Viseu”, *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, XIII, 1970, p. 211-229 e in *Opúsculos Geográficos. V – Temas Urbanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 211-229.
- “Ainda em torno das origens de Viseu”. *Beira Alta*, Viseu, XXX, 4, 1971, p. 437-444 e in *Opúsculos Geográficos. V – Temas Urbanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 229-233.
- “Sobre as origens de Portugal”, *Finisterra*, Lisboa, X, 19, 1975, p. 154-162 e in *A Formação de Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, p. 65-75.
- Introduções geográficas à História de Portugal. Estudo crítico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977 (2ª ed., Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2001).
- “O Homem na evolução geológica”, *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal – Volume de Homenagem ao Professor Doutor Carlos Teixeira*, Lisboa, XXII, 1980-1981, p. 41-45.
- “Les recherches de Georges Zbyzewski sur l’apparition de l’homme à la lumière de la Philosophie



Naturelle” in *Volume d’Hommage au géologue G. Zbyszewski*, Paris, Éd. Recherche sur les Civilisations, 1984, p. 55-72.

“Évora: sítio, origem, evolução e funções de uma cidade” in *Estudos em Homenagem a Mariano Feio*, coord. Raquel Soeiro de Brito, Lisboa, s. ed., 1986, p. 371-390 e in *Opúsculos Geográficos. V – Temas Urbanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 315-337.

*A Formação de Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

*Memórias de um geógrafo* (Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2003), é um volume constituído por: uma versão corrigida e aumentada da “Introdução” de *Ensaio de Geografia Humana e Regional* (1970), *Cinquenta anos de vida científica e universitária* (1986) e *Ciência e Humanismo: reflexões sobre uma experiência* (1984).

Ver ainda as recensões e prefácios a cada um dos 10 volumes de *Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização* de José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Imprensa Nacional, 1933-1988.



**Fig. 1** – Período Pré-romano. 1. Limite oriental da área da civilização megalítica; 2. Expansão dos seus elementos culturais; 3. Área de domínio dos celtas; 4. Solar dos lusitanos; 5. Fronteira de Portugal. (Segundo Luís Pericot e P. Bosch Gimpera, extraído de O. Ribeiro, Portugal, Barcelona, 1955).

Fonte: Orlando Ribeiro, 1987, p. 29.



CARTOGRAFIA DEL INSTITUTO GALLAGHI H. DE ESPAÑA, 14. I

Fig. 2 – La España Antigua – Prehistoria.

Fonte: Luis Pericot García – *Historia de España*, Barcelona, 1934, I, p. 185.

